

LEANDRO GOMES DE BARROS

O DIABO NA NOVA-CEITA



Rua do Alecrim n 34.



LEANDRO GOMES DE BARROS

O DIABO NA NOVA-CEITA

O diabo ficou pobre
Viu que morria no pó,
Chamou o pai d'elle e disse:
Eu não me desrgraço só
Ou vou para a nova-ceita,
Ou entro no catimbó.

O velho pai d'elle disse:
Rapaz pensas n'isso agora?
O catimbó nada val
A nova-ceita é caipora,
Nasce com o asar dentro
E acha a miseria fora.

O nova-ceita já nasce
Triste, amarello e sem cor,
A vista sempre espantada
Com aspeto aterrador,
Sem alma e sem consciencia,
Sem prazer e sem amor.

É preciso brigar
Com Christo e o Padre Eerno,
Para o culto conhecel-o
Como um ministro moderno
Você como nova-ceita
É' espulço do inferno

*agora está interrompido
da figura 2 para a p 7*

— 7 —

E o nova-ceita alli
Não pôde se deffender,
Disse o diabo: badéjo!
Ouça o que vou lhe dizer
A igreja de frei bode
Tem que desaparecer.

Perguntou o cururú
Dão-me licença a fallar?
O pai do diabo disse:
Pois não, pode se espreçar,
Disse o sapo a nova-ceita
Faz até repugnar.

Disse o morcego; apoiado
Bravos disse o urubu'
A nova ceita hoje está
Comendo um cachorro cru
Assim sim disse o lacráo
Muito bem d. cururu'

O que você está dizendo.
É' uma pura verdade,
Essa raça nova-ceita
Abusa da divindade,
Crêr no filho e nega a mãe
Gomo é essa novidade?

Disse o diabo meu pai
Foi quem plantou eesa raça
Disse o velho eu não pencei
Que sahisse tal desgraça
Para deichar a caipora
Por todo logar que passa'

VINGANÇA DE UM FILHO

Um dia o patrão lhe disse;
Você precisa estudar,
Eu lhe dou um professor
A noite vai lhe encinar,
Viva como tem vivido
Que nada ha de lhe faltar

Em casa de Alves de Freitas,
Esse grande trapixeiro
Trez ladrões de uns que haviam
Alli no Rio de Janeiro,
Atacaram a mulher d'elle
Ou a vida ou o dinheiro,

Andreza viu a patrôa
Assim não esmoreceu
Atirou n'um dos ladrões,
Esse cahio e morreu.
Derrilou o outro a cacête
O ultimo dos trez correu

Cento e dez contos de reis
Os ladrões tinham tomado,
O que correu deichou tudo
No meio da sala espalhado,
Tanto que Andreza apitou
O gatuno foi pegado

— 9 —

Alli soltou a patrôa
Que os ladrões tinham amarrado
Tirou-lhe a mascara do rosto
Que elles tinham lhe botado
Mandou dizer ao patrão
O que tinha se passado

Ora, desse dia em diaante
Andreza foi recompensada,
A patrôa disse a ella
Voscê não fará mais nada,
Eu lhe aumento o ordenado
Voscê vive descansada.

Alves de Freitas que viu
De Arnaldo a honestidade,
Combinou com a mulher
Dar-lhe uma sociédade
Em todo lucro da casa
Arnaldo ter a metade.

Disse a mulher: elle é digno
Que se ajude elle a viver,
O que a mãe delle nos fez
Devemos agradecer,
Pois livrou voscê do roubo
A mim livrou de morrer.

D'alli em diante Arnaldo
Não era mais um caxeiro
Trez annos depois morreu
A mulher do trapixeiro
Deichou a terça á Andreza
Pois ella não tinha herdeiro

Aives de Freitas chamou-a
Pedi-lhe que não sahisse,
Ficasse regendo a casa
Emquanto elle existisse
Porque elle não queria
Que outra ama o servisse.

Cinco ou seis annos depois
Falleceu o trapixeiro
Fez testamento deichando
Arnaldo por seu herdeiro
Ficando Arnaldo um dos mais
Ricos do Rio de Janeiro

Depois de Arnaldo herdar tudo
Andreza disse: é chegado
O tempo de descobrir
Os nomes dos pais de Arnaldo
Até meu pobre marido
Agora será vingado.

Chamou Arnaldo e lhe disse
E' tempo de lhe contar
Um segredo que jurei
A ninguem o revelar
Acho que seria crime
Esse segredo occultar.

Abriu uma malla velha
Pelo tempo carcomida
Tirou della dous retratos
Disse com a voz sentida
Meu filho! esses aqui foram
Autores de tua vida!

Quem photographou teus pais
Foi dotado de sciencia
Retratista mais algum
Tinha sua intelligencia
Só falta aqui de teus pais,
A falla e a existencia,

Arnaldo baixando a face
Não se contêve chorou
Mas que mysterio ouve aqui?
Soluçando pergunton
Andreza, com toda calma
Tudo á miudo contou

Mostrou a elle o caderno
Que tinha o apontamento
Datado o anno e o mez
Em muito bom seguimento
Tinha até marcado a hora
Do dito acontecimento,

Seis contos de reis em ouro
E cinco aneis de brilhante
Um colar de ouro massiço,
Cravado com diamant:
Polceiras, brincos, argolas,
Rodomas assim por diante,

As escrituras das terras
Onde morava o barão
A nota dos animaes
Mil arrobas de algodão
Trez mil sacos com café
E recibo de uma ação,

E a copia de libelo
Que o barão tinha perdido
Quando assassinou Antão
Ella alli tinha caído
Que foi a couza mais util
Que ella tinha adequerido.

Mizeravel! disse Arnaldo:
Eu hei de acabar contigo
Vou provar á vizinhança
Que meu pai deichou amigo
Além da mãe que conheço
Tão bôa para comigo.

Andreza disse: meu filho!
Procure um adevogado
Porque elle em Portugal
Ja estava sentenciado
Se o crime não prescreveu
Elle é requizitado

Nós temos provas robustas
De tudo que elle roubou
A fazenda de seu pai .
Que elle della se apossou
Inda vivem, trez que viram
Quando elle a teus pais matou.

Farei tudo: minha mãe,!
Disse satisfeito Arnaldo
A sehora foi um anjo,
Que Deus botou-me a seu lado
Sahio logo para rua
Fallou ao adevogado,

Então o adevogado
Veio aonde estava Andreza
Leu todos os documentos
Disse com toda franqueza
Nesse crime do barão
Não á geito de defeza.

Essa copia de libelo
E' preciso copial-a
O governo Portuguez
Lá tem que examinal-a
E procurar a sentença
Da ordem á executal-a

Alli Arnaldo passou
A elle a procuração,
Elle foi logo ao Juiz
E requereu citação,
E penhorar em flagrante
Todos os bens do barão,

Trez testemunhas que haviam
Mandou-as logo intimar
Para provarem em juizo.
Que viram o barão matar,
Antão de Freita Ribeiro.
E D. Eugenia Alencar.

Então o adevogado
Foi para Minas Geraes,
Disse á Arnaldo:descance
Eu não sucegarei mais,
Em quanto não lhe der conta,
Da vingança de seus pais.

Foi ao governo de Minas
Mandou citar o barão,
Intimou as testemunhas
Que viram matar Antão,
Porque alli se tratava
De um crime, e de uma questão.

Vinte e cinco annos justos
Esse dia completava,
Amorte dos pais de Arnaldo
Quando o barão não pençava,
A justiça em sua porta
Anciosa o esperava.

Duas filhas do barão
Iam casar nesse dia,
Quando o chefe de policia
Com trez praças que trasia,
E disse publicamente
O crime que alli havia.

Disse logo ao secretario
Fulano leia o mandado,
Os nomes das testemunhas
Do depoimento dado
O secretario leu tudo
Da forma que foi passado.

O barão que tinha astucias
De perito adevogado,
Disse ao chefe de policia
O dotor, está mal informado,
O barão de campo-verde
Não tem o nome manchado.

Disse o chefe de policia:
Diga-me agora; barão!
Porque meios obieve
Essa fazeda de Antão?
Tem a escretura della
Feita por tabelião?

O barão disse: doutor,
Antão era meu amigo,
Achou-se um pouco quebrado
Fez um negocio comigo,
O chefe então perguntou-lhe
Que negocio fez comsigo?

Disse o barão: me vendeu,
A sua propriedade
Me devia quinze contos,
Que vinha ser á metade
Da importancia da compra
O resto dei-lhe mais tarde.

Eu, elle e a mulhr delle
Achamos conviniente,
Para evitar o imposto
Porque seria evidente
Passamos uma escriptura
Aqui particularmente.

Bem! o chefe de policia,
Disse com toda prodencia
A manhã as onze horas
Espero vossa excellencia,
Então comparecerá
Na salla da audiencia.

Continu'a nos trez quengos finos

6049

A TARDE

*Tomba a tarde o sol baixa seus ardores
Alvas nuvens no céu formam labores
E a voz da passarada o campo enchendo:
O jurity em seu ramo de dormida,
Soltando um canto alli por despidida,
Dando adeus ao sol que vai morrendo.*

*E mergulha o sol pelo occaso
Jã o dia alli venceu o praso
Abrem flores o orvalho em gôtas vem;
Limpa o céu, o firmamento se illumina,
Uma luz alvacenta e argentina,
Jã se avista no céu, mais muito além.*

*Regressam do campo os lavradores
Apassetam os rebannhos os pastores,
E o mundo fica alli em calmaria;
A matrona enballa o filho pequenino
E prestando aenção a voz do sino.
Quando uobra no templo, a ave-Maria*

*Vem a noite, dormem alli as cousas manças
Dormem quêtos os justos e as creanças,
E a virgem envia presses a divindade;
A velhisse recorda arrependida,
Todo erro que fez em sua vida,
E mormura. Quem me dera a mocidade*

(LCB)

679

AGENTES:

Em Rio Branco—Manoel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruaru—João de Barros

Em Pesqueira—José Liberal

Em Pombal (Parahiba)—Camillo X.

de Farias

AVISO

R₂

Faço ver aos leitores nns livros que
vendem com o titulo Discução de
Leandro Gomes com João Athayde, é
falço pois nunca vi esse Athayde.

Leandro Gomes de Barros